



AFILIAÇÃO À PESQUISA ACADÊMICA NA FORMAÇÃO *STRICTO SENSU*

AFFILIATION WITH ACADEMIC RESEARCH IN STRICTO SENSU TRAINING

Caffa Abreu Cabus¹
Rosângela da Luz Matos²

RESUMO: Este relato de pesquisa decorre do projeto de mestrado “Políticas de Assistência Estudantil e as necessidades de saúde mental dos estudantes de pós-graduação *stricto sensu*”, desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia no período de 2018 a 2019. O objetivo geral da pesquisa foi o de compreender a experiência de afiliação para, posteriormente, propor ações que deem suporte a percursos bem-sucedidos de estudantes da pós-graduação. A prática da pesquisa realizou movimentos de natureza exploratória e explicativa, a abordagem foi qualitativa e o desenho de estudo orientou-se para a pesquisa aplicada. O procedimento de produção de dados da pesquisa foi a realização de Rodas de Conversa desenvolvidas no período de julho à outubro de 2019, perfazendo um total de 10 encontros de uma hora cada, dos quais participaram 30 estudantes e cujos temas disparadores para os encontros foram dificuldades, experiências e escolhas que envolvem fazer um curso de pós-graduação. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o Parecer nº 3.210.262 datado de 20 de março de 2019. Nas Rodas de Conversa os estudantes apontaram as principais dificuldades com que se depararam para construir seu percurso de afiliação à pesquisa acadêmica na formação *stricto sensu* e os principais caminhos para superar essas dificuldades. No que concerne as responsabilidades da universidade e do programa de pós-graduação indicaram a necessidade de ações estruturadas de acolhimento e orientação para a construção do percurso acadêmico, com espaços de escuta e diálogo acerca dos desafios a serem enfrentados ao longo dos 24 meses de curso, incluindo-se aqui as necessidades de infraestrutura e os impactos psicológicos envolvidos no processo de produção de sujeitos pesquisadores.

PALAVRAS-CHAVE: Afiliação; Assistência estudantil; *Stricto Sensu*;

ABSTRACT: This research report stems from the master's project “Student Assistance Policies and the mental health needs of stricto sensu graduate students”, developed at the State University of Bahia in the period from 2018 to 2019. The general objective of the research was to understand the experience of affiliation to later propose actions that support successful paths of graduate students. The research practice carried out exploratory and explanatory movements and the approach was qualitative, the study design was oriented towards applied research. The procedure for producing research data was to carry out Conversation Wheels developed from July to October 2019, making a total of 10 one-hour meetings each, in which 30 students participated and whose trigger themes for the meetings were difficulties, experiences and the choices that involve taking a postgraduate course. The research project was submitted to and approved by the Research Ethics Committee with Opinion No. 3,210,262 dated March 20, 2019. In the Conversation Roundtable, students pointed out the main difficulties they faced in building their affiliation path to academic research in stricto sensu training and the main ways to overcome these difficulties. Regarding the responsibilities of the university and the postgraduate program, they indicated the need for structured actions of reception and guidance for the construction of the academic path, with spaces for listening and dialogue about the challenges to be faced over the 24 months of the course. , including here the infrastructure needs and the psychological impacts involved in the process of producing research subjects.

KEYWORDS: Affiliation; Student assistance; *Stricto Sensu*;

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação pela Universidade do Estado da Bahia, Psicóloga, Especialista em Saúde da Família e Psicoterapia Analítica. caffacabus@gmail.com

² Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e Institucional, Dra. em Sociologia, Pós-Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Universidade. Professora Permanente Programa de Pós-graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação pela Universidade do Estado da Bahia. rlmatos@uneb.br

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um relato da pesquisa intitulada “Políticas de Assistência Estudantil e as necessidades de saúde mental dos estudantes de pós-graduação *stricto sensu*” desenvolvida na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no período de 2018 a 2019. O objeto de estudo foi a experiência na formação pós-graduada *stricto sensu* de estudantes desta universidade e o contexto em que a pesquisa se desenvolveu foi o da educação universitária e os desafios da afiliação.

A afiliação é um conceito desenvolvido Coulon (2008) para compreender-se os processos de transição de um status estudantil para outro; de aluno à estudante ou de estudante à pesquisador, num contexto educacional específico. Este processo exige a apreensão dos códigos, regras e normas das instituições de ensino superior, além, é claro, da disciplina intelectual e produção acadêmico-científica. Para o autor este percurso se constrói em três tempos, o do estranhamento, o da aprendizagem e, por fim, o tempo da afiliação. Espera-se que, afiliado, o estudante maneje com autonomia e responsabilidade seu processo formativo.

No caso da formação pós-graduada, os estudantes se deparam com novas regras e códigos do ensino superior. As exigências da pós-graduação são diversas e diferem daquelas já conhecidas na formação graduada, entre elas: proficiência em língua estrangeira a ser confirmada por avaliação individual escrita; submeter projeto de pesquisa a uma banca de avaliadores para obter a qualificação e avançar no percurso formativo em pesquisa; submeter-se a sessões regulares de orientação a ser ministrada por um professor na modalidade transmissão mestre-aluno e que se desenvolve sobre a produção escrita do estudante; participar de eventos e atividades acadêmico-científicas, das quais, espera-se, o desenvolvimento de competências e habilidades para comunicação e produção escrita; produzir variados textos acadêmicos, entre esses resumos, artigos, ensaios, resenhas etc.

A pós-graduação *stricto sensu*³ é a última etapa da educação formal, compreendendo programas de mestrado e doutorado abertos a candidatos diplomados em cursos superiores de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino e ao edital de seleção. Nesse contexto a produção de um praticante pesquisador implicado, metodológica e eticamente com a ciência e a sociedade, impõe desafios aos programas e aos estudantes do *stricto sensu*. Conforme Gatti (2001) deve-se considerar que é função dos cursos apoiar a construção de aprendizagens de uma área do conhecimento, transmitir os parâmetros e padrões consensuados para

³ Lei nº 9.394/1996, art. 44, III. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf

a prática de investigações científicas, desenvolver e consolidar aspectos teóricos e tecnológicos que façam avançar a ciência em favor das questões sociais, políticas e ecológicas.

Considerando os desafios da educação universitária e da afiliação no *stricto sensu* o objetivo geral da pesquisa foi o de compreender a experiência de afiliação para, posteriormente, propor ações que deem suporte a percursos bem-sucedidos de estudantes da pós-graduação. A prática da pesquisa realizou movimentos de natureza exploratória e explicativa e a abordagem foi qualitativa. Seguindo André e Gatti (2008) buscou-se valorizar a experiência dos sujeitos, suas crenças e motivações. O desenho de estudo orientou-se para a pesquisa aplicada que de acordo com Vilaça (2010) tem como interesse a aplicação do conhecimento na produção de soluções para uma problemática, em uma dada realidade, comprometida com o presente atual.

O convite para a pesquisa foi divulgado nos e-mails institucionais, grupos de *whatsapp*, e em formato de cartaz, afixados no prédio do Campus I, situado no bairro do Cabula, onde funcionam os programas de pós-graduação de mestrado e doutorado da UNEB vinculados ao departamento de Educação, são eles: Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação (GESTEC); Educação e Contemporaneidade (PPGEduC); Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) e Ensino de História (PROFHISTÓRIA).

A participação foi por livre adesão e os estudantes do programa GESTEC foram os que aderiram ao convite. Esses eram ingressos dos anos de 2017, 2018 e 2019. Portanto, entre os participantes havia estudantes no primeiro e segundo ano do mestrado e estudantes em regime de prorrogação do prazo dos 24 meses previstos no Regimento⁴. O procedimento para a produção de dados deu-se durante as Rodas de Conversa desenvolvidas no período de julho à outubro de 2019, perfazendo um total de 10 encontros de uma hora cada, dos quais participaram 30 estudantes e cujos temas disparadores para os encontros foram dificuldades, experiências e escolhas que envolvem fazer um curso de pós-graduação *stricto sensu*.

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com o Parecer nº 3.210.262 datado de 20 de março de 2019. A prática da pesquisa foi orientada com base nas Resoluções n.º 196/96, 466/12 e 510/16 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)⁵ que regulam o desenvolvimento e execução de pesquisas com

⁴ Regimento do GESTEC, disponível em: https://portal.uneb.br/gestec/wp-content/uploads/sites/69/2019/09/REGIMENTO_GESTEC.pdf

⁵ Resolução n.º 196/96, disponível em

http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_encep2012.pdf

Resolução n.º 466/12, disponível em

<http://www.uneb.br/comitedeetica/files/2011/04/Resolu%C3%A7%C3%A3o-466.2012.pdf>

Resolução n.º 510/16, disponível em <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>

seres humanos. Participaram do planejamento, desenvolvimento e registro das Rodas de Conversa duas pesquisadoras voluntárias⁶. Adotou-se o diário de pesquisa como instrumento de registro contínuo e compartilhado das ações, experimentações e afetos que povoaram a empiria, seguindo as orientações de Barbier (2007). O diário foi alojado em ambiente virtual compartilhado através da ferramenta *google drive*, com acesso restrito aos pesquisadores e a orientadora. É importante reiterar que às garantias quanto ao sigilo das identidades dos participantes foi assegurada por meio da criação de pseudônimos pelos próprios participantes e estes foram os utilizados no diário de pesquisa.

Nas Rodas de Conversa os estudantes apontaram as principais dificuldades com que se depararam para construir seu percurso de afiliação à pesquisa acadêmica na formação *stricto-sensu*, dentre elas a ausência de bolsas de pesquisa, a relação orientador–orientando, a escrita acadêmica na pós-graduação, a inserção no grupo de pesquisa e também sugeriram os principais caminhos para superar essas dificuldades, como criar uma rede de apoio entre os colegas de curso e junto aos familiares e a universidade ofertar ações estruturadas de acolhimento e orientação.

2 PERCURSOS EXPLORATÓRIOS

O percurso da pesquisa, como relata Minayo (2001), consiste numa tentativa, ainda que imperfeita, de aproximação da realidade social, interrogando-a. Nesta a aproximação com a empiria e a construção do objeto de estudo fez-se apoiada em três movimentos exploratórios subsequentes. Um inicial orientado para conhecer-se a veiculação de matérias jornalísticas sobre o tema pós-graduação e sofrimento psíquico. O outro apoiado numa revisão de literatura com vistas a conhecer o estado da arte para este tema. E um terceiro assentado num projeto de extensão com o qual se buscou conhecer a instituição de ensino, o apoio aos estudantes e a produção de indicadores institucionais.

Inicialmente interrogou-se a saúde mental dos estudantes da pós-graduação devido aos casos de situação de sofrimento psíquico divulgados nas mídias escrita de grande circulação. Foram analisadas sete matérias nos veículos Folha de São Paulo, *El País* – Brasil, Nexo Jornal - São Paulo, Gazeta do Povo - Curitiba e Pesquisa Fapesb - Estado de São Paulo que abordaram a temática, divulgadas entre junho de 2017 e junho de 2018. Os autores dessas matérias referem-se aos transtornos mentais e sintomas que acometem esse público, além dos

⁶ Pesquisadoras graduadas em Psicologia com inserção na Iniciação Científica.

fatores que podem influenciar a ocorrência da psicopatologia no percurso acadêmico. Os autores concluem haver uma relação entre pós-graduação, sofrimento psíquico, transtornos psiquiátricos e suicídio⁷.

Compreender que as matrizes teórico-metodológicas dessas pesquisas desconsideraram os determinantes sociais de saúde e doença como fatores de risco e/ou proteção à saúde mental dos estudantes foi um importante alerta para a definição dos rumos da pesquisa com os estudantes da UNEB. Fortaleceu-se, assim, a ideia de seguir com a pesquisa qualitativa e discutir as responsabilidades institucionais da universidade para com seus estudantes do ponto de vista da saúde como bem-estar ampliado.

No que concerne a gestão da universidade, constituída como um sistema educacional, pode-se dizer que a instituição responde pela promoção da qualidade de vida de seus integrantes e este é um dos indicadores para observar-se o bem-estar ampliado de uma população em um contexto. Este foi o motivo pelo qual tomou-se os dados do anuário da universidade com a expectativa de que os indicadores institucionais pudessem apontar determinantes de saúde e doença a serem investigados para a relação formação *stricto sensu* e sofrimento psíquico. Contudo não foi possível construir estas conexões.

No anuário “UNEB em dados 2019 – Base 2018”⁸ há alguns dados que englobam os cursos de pós-graduação *stricto sensu* da universidade. Esses dados são correspondentes aos dezoito cursos de mestrados e um de doutorado presentes em seis municípios: Santo Antônio de Jesus, Alagoinhas, Salvador, Juazeiro, Jacobina e Paulo Afonso. Em 2018 havia 1090 alunos matriculados nos programas de pós-graduação *stricto sensu* da UNEB, 704 declararam-se do gênero feminino e 386 do masculino. A faixa etária mais prevalente nos dois gêneros foi de 30 a 39 anos, com 272 para o feminino e 159 para o masculino. Em relação a cor de pele autodeclarada, 371 não declararam, 307 parda, 272 preta, 121 branca, 12 amarela e 7 indígena. Esses dados indicam maioria autodeclarada do sexo feminino, maior faixa etária de 30-39 anos e cor de pele parda.

Como se pode constatar os dados do anuário não apresentam informações que permitam construir diálogo com os determinantes sociais de saúde e doença, como por exemplo, local de residência e local do curso de pós-graduação no qual o estudante está matriculado. Outras questões seriam importantes para a perspectiva dos determinantes sociais de saúde.

⁷ Projeto de qualificação “Política de assistência estudantil e as necessidades de saúde mental dos estudantes de pós-graduação *stricto sensu* dos programas de educação do campus I da UNEB”. Artigo “Pós-graduação faz mal a saúde”: discursos sobre saúde mental de estudantes” aguardando a avaliação da revista Psicologia em Estudo, disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/index>, submetido em 16 de setembro de 2019, revista de fluxo contínuo.

⁸ https://portal.uneb.br/seavi/wp-content/uploads/sites/134/2019/12/ANUARIO_2019_BASE_2018.pdf

Este é o caso de: quantos precisam viajar mais que 120 km para as aulas presenciais? Dos estudantes matriculados quantos contam com bolsa para financiar o curso de pós-graduação? Dos estudantes matriculados quantos têm vínculo profissional?

Para construir aproximação com as instâncias gestoras da universidade responsáveis pelos estudantes de pós-graduação *stricto sensu* elaborou-se o projeto de extensão com o título “Gestão Universitária e Assistência Estudantil: diálogos sobre educação e saúde mental na UNEB” que foi aprovado pelo edital 025 (2018, p.1) da Pró-reitora de Extensão (PROEX) da Universidade. Após a aprovação convidamos para uma Roda de Conversa as Pró-reitorias de graduação, pós-graduação e de assistência estudantil; o setor responsável pela elaboração do anuário estatístico da universidade e o serviço de saúde destinado a estudantes e trabalhadores da UNEB⁹. O objetivo do encontro seria conhecer as ações planejadas pelos gestores com foco na promoção da saúde mental dos estudantes, e se fizeram presentes somente a PROGRAD e o serviço de saúde.

O representante da PROGRAD relatou que com o público da graduação as ações não são estruturadas institucionalmente e acontecem de modo isolado; é dependente do campus, departamento, gestor local ou professores. A diretoria do SMOS relatou que este funciona como um ambulatório de saúde no Campus I – Cabula em Salvador e atende demandas dos 24 *campi* da universidade instalados no território baiano, sejam estas de estudantes, professores ou profissionais técnico administrativos. A diretoria do serviço refere que há uma demanda expressiva dos estudantes por apoio psicológico, mas o serviço conta com apenas três psicólogos, o que cria uma longa lista de espera.

O serviço registrou atendimento psicológico de 330 estudantes em 2016, de 181 em 2017 e 733 em 2018.¹⁰ Mas os registros não especificam a quantidade de alunos de pós-graduação *stricto sensu* atendidos, o que não permite conhecer quantos estudantes de mestrado e doutorado foram assistidos no ambulatório de saúde da universidade. Outro dado apresentado é que não há entre a universidade e a secretaria de saúde do município de Salvador uma articulação para encaminhamento de estudantes para a rede de atenção psicossocial ou para atendimento psiquiátrico, embora a UNEB tenha em seu território dois CAPS, um para atendimento de pessoas com transtornos mentais graves e persistentes e o outro especializado em transtornos pelo uso de álcool e outras drogas, e um serviço Psiquiátrico¹¹.

⁹ Assistência Estudantil (PRAES), Ensino de Graduação (PROGRAD), Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação (PPG), a Secretaria Especial de Avaliação Institucional (SEAVI) e o Serviço Médico Odontológico e Social (SMOS) da universidade.

¹⁰ Informações disponíveis nos anuários da UNEB em: <https://portal.uneb.br/seavi/anuario-uneb-em-dados/>

¹¹ CAPS II Eduardo Saback; CAPS AD Pernambuco; Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira.

Por fim, chama a atenção a ausência de debate sobre a residência universitária nas instâncias gestora. Por exemplo, há algum canal institucional para que o estudante de pós-graduação solicite hospedagem na residência universitária? Quais são as condições objetivas para um estudante da pós-graduação obter acesso a residência universitária? Há algum debate institucional sobre este direito? Há registro de solicitações? Qual a posição da universidade sobre este tema?

O percurso exploratório acabou por afirmar que, embora seja necessário realizar pesquisas tendo os determinantes sociais de saúde e doença como interrogantes, não seria possível efetuar essa pesquisa, neste momento no contexto da UNEB, apoiado nos dados do anuário, do serviço de saúde ou das Pró-reitorias. Para realizar uma pesquisa com essa perspectiva seria preciso uma agenda institucional voltada para a construção de um banco de dados passível de análises estatísticas, o que exigiria recursos, apoio e implicação das instâncias gestoras para fazê-lo.

Considerando-se as limitações nos dados institucionais optou-se por dar prosseguimento a pesquisa somente assentada na dimensão qualitativa. Segundo Oliveira (2013) a abordagem qualitativa se constitui através de movimentos reflexivos e analíticos de certa realidade. Há o reconhecimento de que a formação acadêmica extrapola as aulas, provas, trabalhos, e contempla também os sujeitos em formação em determinada instituição. A partir desse reconhecimento pode-se pensar recursos e intervenções para apoiar os estudantes na passagem pela pós-graduação.

De acordo com André e Gatti (2008) dentre as qualidades da pesquisa qualitativa estão a ênfase no sujeito, o significado que este atribui às experiências, em como estabelece as relações sociais, suas motivações e crenças, e suas atitudes nas práticas cotidianas. O diálogo com os estudantes foi, então, orientado para a experiência da pós-graduação, as escolhas realizadas, as histórias e os conflitos que construíram o percurso. Para criar este espaço de fala, acolhimento e reflexão sobre a experiência no *stricto sensu* ofertou-se Rodas de Conversa.

As Rodas de Conversa podem ser caracterizadas como um dispositivo construído para o diálogo e o acolhimento reflexivo, no qual o compartilhar e o exercitar a escuta mútua tem potência para construir laços entre os participantes e levá-los a se posicionar através da fala, da escrita, do silêncio e de práticas lúdicas. Segundo Moura e Lima (2014), de modo geral, as Rodas de Conversa se organizam em torno de uma temática específica e funcionam como um espaço de socialização dos saberes e trocas de experiências, com possibilidades de conhecer e ampliar o repertório relacional com uma dada realidade.

3 AS RODAS DE CONVERSA E A AFILIAÇÃO AO *STRICTO SENSU*

A pesquisa de campo efetuou-se em quatro movimentos denominados: acolhimento, primeiro, segundo e terceiro ciclos. Todas no formato de Rodas de Conversa. A partir de um planejamento global, a cada encontro discutia-se as ações do dia e, após a intervenção, avaliava-se o corrido. Todos os encontros foram realizados às terças-feiras, dia que concentrava o maior número de estudantes para as aulas obrigatórias do currículo. O horário escolhido foi o das 13h às 14h porque correspondia ao intervalo entre as aulas e as reuniões dos grupos de pesquisa, deste modo todos que desejassem poderiam participar.

A etapa do acolhimento consistiu numa ação de apresentação do projeto de pesquisa e aproximação empática com os estudantes. A partir disso o primeiro ciclo foi planejado para identificar-se as exigências do percurso, as experiências vividas e as potencialidades de cada mestrando no enfrentamento dessas. O segundo ciclo foi planejado para efetuar-se análise das escolhas que envolvem fazer um curso de pós-graduação *stricto sensu* e o terceiro ciclo orientou-se para uma reflexão sobre o próprio percurso e a experiência das Rodas de Conversa.

3.1 Acolhimento ou ante sala da Afiliação

O acolhimento foi realizado em julho de 2019 e a principal diretriz do acolhimento foi o de reconhecer os desafios que os estudantes enfrentam no percurso formativo do *stricto sensu*. Este diálogo apoiou-se nos dados exploratórios até então sistematizados e no desejo dos participantes de compartilhar suas dificuldades. Neste encontro realizou-se uma dinâmica de grupo, na qual os participantes se apresentaram dizendo o nome e escrevendo-o num adesivo que colocaram em um local visível de modo que pudessem aprender um o nome do outro. Para conhecer as dificuldades vividas no curso solicitou-se que as escrevessem num papel e as depositassem numa caixa. A seguir cada participante pegou aleatoriamente um desses papéis e foi convidado a refletir sobre o texto ali escrito e compartilhar sua reflexão com o grupo.

No acolhimento os mestrandos apontaram dois grupos de dificuldades, um em contraponto ao outro. Um relativo a dimensão acadêmica e o outro ligado ao tempo. Apareceram associadas às dimensões acadêmica e temporal o volume necessário de leituras, a apropriação teórico-conceitual, a descoberta de um novo universo de referências teóricas, os desafios da escrita para a construção do projeto e de artigos científicos, a tensão entre vida profissional, pessoal e acadêmica, os prazos de tempo exíguos para as inúmeras atividades a serem desen-

volvidas nas disciplinas obrigatórias, nos grupos de pesquisa e na realização de suas pesquisas.

Coulon (2008) destaca que construir aprendizagens sobre os códigos da vida intelectual é sempre algo complexo e a transmissão desses pode ser expressa formal ou informalmente, por meio da comunicação oral e escrita, a partir de modelos que indicam performances para lidar com situações cotidianas, conflitos, cumprimento de prazos etc. Para o autor ler, escrever e pensar são três elementos do trabalho intelectual com os quais um estudante universitário tem que se confrontar no percurso formativo. Portanto, não é difícil acolher o que apontaram os participantes da pesquisa neste primeiro encontro. Eles assinalaram que a formação em pesquisa lhes exige fazer novas aprendizagens intelectuais diferentes daquelas da graduação e que este percurso lhes é penoso.

“Assimilação das leituras e produção de textos (sensação de incapacidade por causa da ansiedade para cumprir os prazos)”;

“Atender a todas as leituras no prazo”;

...

“Encontrar referências teóricas sobre o que estou pesquisando.

Organizar a escrita na elaboração de artigos científicos.”;

“Perdi o objeto. Foi necessário recomeçar do zero.”;

“A distância da prática de pesquisa. (falta de hábito), deixa impotente para seguir, mesmo que por falta de instrumental.”;

...

“Disciplina para estudar e tempo para dedicação por conta do trabalho.”;

“Falta de tempo.”; “Tempo, escrita, leitura, cobranças.”; “Administrar o tempo.”;

“Tempo.”; “... dificuldade é a conciliação com o horário de trabalho quando não solicitamos afastamento”;

“Conciliação {estudo, família, lazer, social, pessoal, pesquisa, prazos, cobranças}...”;

“Lidar com os prazos e ansiedade”;

“Priorizar as ações.”;

(Diário de Pesquisa, 2019, p. 1 e 2)

Outro aspecto que ganha expressão é o da autonomia. Um pesquisador em formação será confrontado com a necessidade de conduzir-se por si mesmo, empregando o tanto de esforço necessário para efetivar as aprendizagens que devem ser construídas. É o que chamamos de disciplina intelectual e cumpri-la exige certo grau de autonomia e sistematicidade, para além do que está previsto no currículo, no programa de ensino das disciplinas, nas atividades de orientação individual e dos grupos de pesquisa.

É possível ponderar que as exigências no *stricto sensu* diferem muito em intensidade e duração daquelas da graduação e em alguns casos o estudante não efetuou afiliação à prática de pesquisa via iniciação científica e desconhece um conjunto de práticas que constituem o *habitus* (BOURDIEU, 2001) ou as regras do jogo na pós-graduação. Este parece ser um dos

dados mais importantes. Aqueles que não construíram habilidades de leitura, escrita e os procedimentos básicos em pesquisa sentem-se confrontados intensivamente com as exigências do curso.

É preciso observar, ainda, que estudantes trabalhadores acumulam a carga horária de trabalho com a do curso e que a formação no *stricto sensu*, tende a reunir estudantes que já desempenham funções da vida adulta. Essas peculiaridades devem ser objeto de ação planejada dos dirigentes institucionais para apoiar a afiliação intelectual e institucional, considerando que o primeiro momento de um processo de afiliação é o estranhamento e que o acolhimento cumpre função determinante na construção de vínculo e confiança para que o pesquisador em formação se lance nas novas aprendizagens a serem construídas.

Exemplo de apoio institucional aos processos de afiliação pode ser encontrado em Matos e Sampaio (2013). As autoras discutem um modelo denominado de orientação acadêmica ofertado para os estudantes de uma universidade pública na Bahia. Este prevê a implantação de um programa na forma de suporte institucional que associa o currículo e as atividades extracurriculares com ações intrainstitucionais.

3.2 Primeiro ciclo e os desafios da Afiliação Intelectual

O primeiro ciclo foi organizado em quatro rodas de conversa que ocorreram no período de julho a agosto e nas quais a ênfase recaiu sobre as dificuldades vivenciadas, a experiência no *stricto sensu* e as potencialidades dos estudantes para realizar as demandas do curso. Neste ciclo foram realizadas discussões em grupo, produção de fanzines¹² e dinâmicas de grupos¹³.

Na discussão em grupo retomou-se algumas das dificuldades abordadas no momento da sensibilização, em especial o desafio de construir o texto escrito, o diálogo com os autores de referência e as regras de normatização. Neste momento tornou-se evidente que o mestrado se apresentava como a primeira experiência de pesquisa para a maioria dos participantes e, por este motivo, várias práticas do cotidiano de um pesquisador ganhavam, para estes estudantes, contornos de descoberta. Este é o caso das diversas formas de efetuar a leitura da literatura da área de conhecimento e os variados registros que se pode fazer dessas leituras de

¹² Fanzine é uma revista produzida com baixo custo que divulga textos, histórias em quadrinhos, desenhos, dentre outros registros. (LOURENÇO, 2006)

¹³ Segundo Andrade (1999) dinâmica de grupo é uma técnica na qual as pessoas vivenciam situações através de jogos, brincadeiras, tarefas que possibilitam os participantes interagirem e refletirem.

modo a deixá-las preparadas para a construção de um texto, seja no formato ensaio, artigo, relatório, memorial etc.

Para produzir narrativas sobre a experiência no curso de mestrado introduziu-se uma oficina lúdica, na qual deveriam criar um ou mais fanzines para retratar suas experiências. Como disparador ofertou-se vários postais com diferentes imagens para livre escolha e a frase: “Nunca se penetra em terras novas, sem correr certos riscos: pois nesse empreendimento, o pioneiro depende do equipamento que por acaso traz consigo”. (JUNG, 2013, p.129) Na sequência os estudantes puderam falar sobre a frase, a imagem escolhida e qual relação construíram com o seu percurso de mestrado. Feito este bate papo passou-se para a oficina que na primeira parte contou com o apoio de uma mestranda para lhes ensinar a fazer dobraduras em papel e estruturar o fanzine. Os materiais ofertados foram folhas A4 coloridas, lápis de cor e hidrocor, adesivos, tesouras etc.

Na discussão, e representado nos fanzines, os participantes refletiram sobre a prática da pesquisa, a escrita e a empiria, como uma experiência solitária e destacaram positivamente a importância dos laços de amizade durante o percurso. Este é um aspecto que Coulon (2008) enfatiza em sua pesquisa. A assimilação de regras, informações, condutas, procedimentos costumam ser mais assertivas quando transmitidos por colegas de curso que se situem em períodos mais avançados da formação ou que tenham mais tempo de inserção na instituição de ensino.

Na roda de conversa subsequente o objetivo foi levá-los a refletir sobre responsabilização e autonomia e o fizemos apresentando a pergunta: “O semestre está terminando e qual foi a ação de pesquisa que fiz com mais tranquilidade, apoiada nos saberes e conhecimentos que já tinha?” Para responder os participantes foram convidados a escrever suas respostas numa folha A4 de modo que ao final tivéssemos todas as respostas numa mesma folha de papel. Quando fizemos a leitura conjunta dos registros escritos viu-se que apareceram dois grupos de atividades por eles desenvolvidas, o primeiro representava atividades relacionadas à leitura e escrita e o segundo procedimentos de pesquisa no campo empírico.

Como se vê alguns elementos de afiliação intelectual e institucional ganharam visibilidade nesta roda de conversa. O encontro ocorreu no final do semestre letivo, o que para alguns representava o fim do primeiro semestre e para outros o fim do terceiro. Do ponto de vista das exigências acadêmicas os mestrandos concluintes do primeiro semestre devem apresentar o projeto de pesquisa com ênfase na revisão de literatura, por meio da qual justifica-se e constrói-se o objeto de estudo. Para os estudantes de terceiro semestre o período corresponde a submissão e defesa pública do projeto de pesquisa, sob a avaliação de uma banca de pes-

quisadores, e a submissão junto a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), para avaliação de aspectos éticos relativos aos procedimentos de pesquisa adotados.

Os concluintes do primeiro semestre efetuam a afiliação intelectual, em parte, ao consolidar aprendizagens de redação científica, entre esses fichamentos, resumos, resenhas, relatórios etc. Todo um conjunto de procedimentos básicos relativos à leitura e escrita de literatura especializada e que devem apoiar a construção do projeto de pesquisa. Neste estágio do curso o tema autoria e autonomia na produção escrita são centrais e provocam questionamentos. Para os concluintes do terceiro semestre as aprendizagens esperadas multiplicam-se. Não só devem demonstrar fluência nos procedimentos básicos, como devem apresentar habilidades com alguns gêneros textuais acadêmicos, entre eles artigos, ensaios, memoriais, além da experimentação pública na esfera da comunicação científica.

Os procedimentos relativos à ética na pesquisa expressam bem os desafios da afiliação institucional que o mestrando tem a enfrentar no terceiro semestre do curso. São recomendações que objetivam a garantia de direitos aos participantes de toda e qualquer pesquisa acadêmica, entre essas a não maleficência e a beneficência. Os procedimentos que visam assegurar essas responsabilidades desdobram-se num conjunto de documentos a serem elaborados pelo pesquisador e que garantem a responsabilização compartilhada entre pesquisador, orientador, instituição de pesquisa e participante.

3.3 Segundo ciclo e os desafios da Afiliação Institucional

Este ciclo foi organizado em três rodas de conversa que aconteceram no mês de setembro, neste foram discutidas as escolhas dos estudantes em relação ao mestrado através de dois jogos, o primeiro chamamos de dominó da afiliação e o segundo de jogo vivo. O dominó foi criado pela equipe de pesquisadores e o jogo vivo foi desenvolvido pelos participantes da pesquisa.

O jogo de dominó propunha discutir questões relacionadas às escolhas anteriores ao ingresso no programa através dos seguintes temas: vínculos na universidade, disciplina na modalidade aluno especial, grupos de pesquisa e contato com a pós-graduação. No jogo cada numeração do dominó correspondia a uma pergunta que os jogadores tiveram que responder a medida que jogavam. Neste encontro as questões mais discutidas foram a seleção para o programa, inserção como aluno especial e nos grupos de pesquisa.

Na discussão sobre o ingresso no programa alguns participantes relataram que já haviam cursado disciplinas como aluno especial, estavam participando de grupos de pesquisa,

tinham conhecido colegas que já estavam no curso ou fizeram contato com professores do programa. Alguns mestrandos consideraram que a disciplina especial ajudou na decisão de cursar o mestrado neste programa e os apoiou na construção do projeto de pesquisa para a seleção.

Vê-se aqui o reconhecimento do acesso às disciplinas para aluno especial como estratégia adotada pelos candidatos para efetuar aproximação com o curso de mestrado. Esses primeiros contatos com a instituição, o campus, o prédio de aulas, a secretaria, o edital de seleção para aluno especial, o grupo de pesquisa e os professores do programa permitem que os candidatos a aluno construam uma representação sobre um curso de mestrado, as especificidades da pós-graduação e se aproximem de debates estruturantes, tais como as áreas, as linhas e as modalidades dos programas *stricto sensu* - acadêmico e profissional.

Os primeiros contatos vão anunciando o que Coulon (2008) chama das três modalidades de aprendizagens na passagem para o ensino superior: o tempo, o espaço e as regras do saber. O tempo, já abordado anteriormente, implica numa nova relação com as demandas acadêmicas e os prazos institucionais, o espaço ampliado é a universidade e as suas possibilidades, o prédio da pós-graduação, as salas de aula, as bibliotecas, dentre outros, e as regras do saber, o reconhecimento de um novo campo de conhecimento a ser explorado.

Ainda sobre o ingresso no mestrado o grupo questionou-se sobre “o que pode fazer diferença na hora de ser selecionado?” (Diário de Pesquisa, 2019, p.19) Ao fim do debate consideraram importante conhecer bem os critérios para seleção, a exigência de currículo *lattes* e preparar-se para o momento da entrevista. Reafirmaram que obter êxito nesses itens exige aproximação anterior com o curso ou ter experiência com pesquisa na graduação.

A avaliação do currículo *lattes* é uma das etapas de avaliação do processo de seleção para ingresso no programa. As atividades que pontuam estão divididas em formação e experiência profissional. Em formação o barema que acompanha o Edital de seleção atribui pontos para: tópico especial cursado, especialização concluída, iniciação científica realizada. Em experiência profissional o barema atribui pontos para: docência e gestão, por período de tempo; produção técnica e/ou tecnológica realizada, entre essas, vinculação a grupo de pesquisa e trabalhos técnicos realizados; produção acadêmica, tais como, artigos, trabalhos publicados em anais de eventos, participação em eventos científicos.

O currículo *lattes*¹⁴ constitui uma exigência importante no processo de seleção e será uma das práticas a serem regularmente realizadas ao longo do curso de mestrado. E, ao considerar-se que a formação no *stricto sensu* está sujeita a procedimentos de avaliação pelas agências reguladoras¹⁵, é preciso ratificar que a manutenção de informações a serem inseridas no currículo *lattes* deve estender-se para além do período de 24 meses do curso. Deste modo espera-se que o mestrando efetue, ao menos, uma publicação em revista ou em livro publicado por editora qualificada sobre a pesquisa realizada e em co-autoria com o orientador.

Como se vê alimentar o *lattes* consiste numa das aprendizagens obrigatórias para participar do processo de seleção e para construir um percurso bem sucedido de pesquisador no *stricto sensu*. A inserção de informações referentes às práticas acadêmico-científicas desenvolvidas ao longo curso não cessam e, gradualmente, se tornam complexas. Isto porque a plataforma está estruturada de modo a ofertar novos campos para inserção de informações a medida que o praticante avança no processo formativo. Por exemplo, inserir informação sobre participação em evento exige registro de atividade realizada. Se esta atividade for uma comunicação acadêmica, ao ser registrada, o currículo libera outro campo de inserção para nova informação, na qual deve-se registrar publicação de resumo nos anais do evento. Assim, um primeiro registro pode requerer outros dois ou mais, a depender da complementaridade entre as ações que constituíram aquela informação científica.

Os mestrandos demonstraram pleno conhecimento de que manter um currículo *lattes* atualizado constitui um desafio, especialmente para aqueles que não passaram pela experiência com pesquisa na graduação. Referiram que a familiaridade com a plataforma pode impor vantagens para um bom registro do percurso de pesquisa e, portanto, uma boa avaliação por parte do orientador e de seus pares. É preciso registrar, ainda, que alguns estudantes relataram pouco ou nenhum contato com o *lattes* antes do processo de seleção. E este relato apareceu associado a expectativa de que o programa, o orientador ou a universidade responsabilizem-se por transmitir e orientar o preenchimento adequado do currículo, indicando que a cultura acadêmico institucional cumpre importante papel nesta aprendizagem.

A participação em grupo de pesquisa consiste, também, numa dimensão de afiliação do pesquisador em formação. Para o CNPq¹⁶ os grupos de pesquisa são estruturas hierárquicas que abrigam uma liderança, com experiência científica e têm por objetivo efetuar pesquisas

¹⁴ De acordo com o site oficial do *lattes*: <http://lattes.cnpq.br/> “em agosto de 1999, o CNPq lançou e padronizou o Currículo Lattes como sendo o formulário de currículo a ser utilizados no âmbito do Ministério da Ciência e Tecnologia e CNPq”.

¹⁵ Portaria nº 59, de 21 de março de 2017 que dispõe sobre o regulamento da Avaliação Quadrienal. Disponível em: <http://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detallar?idAtoAdmElastic=240#anchor>

¹⁶ Diretório de Grupos de Pesquisa – CNPq. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/home>

assentadas em linhas temáticas vinculadas a um programa de pós-graduação *stricto sensu* de uma universidade. Os grupos funcionam, portanto, como locus de efetiva e permanente produção de conhecimentos de uma área das ciências que reúne pesquisadores em processo formativo vinculando-os, necessariamente, a uma linha temática e a um orientador.

A vinculação de mestrando a um grupo de pesquisa se efetuará, então, observando-se dois elementos, a área temática do projeto e o orientador que assume conduzir o processo formativo desse estudante. O que se observou, porém, foi que a representação dominante para a vinculação a um grupo de pesquisa, na narrativa dos mestrandos, não está assentada em evidências objetivas. Nas palavras deles a livre adesão, a afinidade temática e a aceitação por parte de um professor líder de grupo seriam as formas convenientes para vinculação a um grupo de pesquisa.

Como vê os mestrandos explicitaram desconhecer os regramentos da instituição de ensino e das agências reguladoras que prescrevem a organização, o funcionamento e a vinculação a um grupo de pesquisa de programas de *stricto sensu*. Esta incompreensão não é de todo surpreendente se considerarmos os relatos de experiência incipiente em pesquisa, mesmo quando se considera aquelas de iniciação científica, desenvolvidas na graduação. Mas o que esta representação encobre é que acessar uma formação de pesquisador via *stricto sensu* é integrar-se a uma comunidade científica com processos de pesquisa e produção de conhecimento já em andamento. Portanto, o que os mestrandos estão a evidenciar é a descoberta de que a pesquisa desenvolvida no mestrado deverá, necessariamente, compor-se com a produtividade do grupo e do professor orientador. Pode-se ilustrar essa descoberta com a afirmação de um dos participantes:

“A gente entende que o mestrado...é nosso enquanto a gente quer (entrar) ... Depois que a gente entra ele é do programa.” Outra estudante complementa dizendo: “Nem o tema, nem o projeto (é nosso).” Outro diz ainda: “Quando queria entrar estava num grupo. Depois que entrei tive que ir para outro.” (Diário de Pesquisa, 2019, p.18)

Essas falas ilustram o processo de afiliação e seus encontros com a institucionalidade na formação de pesquisador. Não se faz pesquisa fora de um determinado contexto e área de conhecimento. Portanto, todos estão sujeitos a exigências que poderão os aproximar ou afastar do tema inicial do projeto, bem como, dos procedimentos imaginados de pesquisa. Tanto a definição de um objeto como a de um método serão efetuados tomando-se por referência a produção do grupo e do orientador.

No segundo momento deste ciclo efetuou-se o jogo vivo com o objetivo de trabalhar as escolhas efetuadas no período após o ingresso no curso de mestrado nas áreas pessoal e profissional, de lazer e familiar, financeira e social. Isto porque, para Coulon (2008), a fluidez entre as fronteiras pessoal, profissional e acadêmica são indicador de processos de afiliação bem sucedidos.

A construção do jogo foi feita atribuindo-se a cada área um número e uma cor. Cada jogador pegava um papel de cada cor e escrevia uma escolha feita em cada área. Depois dobrava-se cada papel e os colocava nas caixinhas correspondentes a cada área. Encerrada esta etapa o jogo teve início. Cada participante recebia um dado e o jogava. O número sorteado correspondia a área, de modo que o passo seguinte seria o participante ler o que constava no papel sorteado retirado de dentro de uma das caixas. A leitura, em voz alta, era seguida de um bate papo sobre as consequências da escolha em questão. Os papéis sorteados continham as afirmações:

“licença sem vencimentos”, “priorizar momentos com a família”
“assistir filmes em casa”, “fortalecer vínculos na universidade”,
“perdi festas, aniversários, encontros de família e shows”.
(Diário de Pesquisa, 2019, p. 20)

Na discussão relacionada ao trabalho aparece a “licença sem vencimentos” como uma opção ao alcance de qualquer servidor público, considerando que no momento no estado da Bahia ou na esfera federal há muita dificuldade de se conseguir licença remunerada. Contudo esta escolha gera vulnerabilidade financeira e exige replanejar as despesas familiares, inclusive os custos com o mestrado, tais como: transporte, alimentação e hospedagem; cópias e impressões de materiais gráficos, aquisição de livros, equipamentos (*tablet, notebook, smartphone* etc.) e produtos (aplicativos, materiais didáticos, de artes etc.); pagamento de terceiros com revisões de língua, normatização e normalização da produção escrita; além de gastos com a empiria.

A dimensão do trabalho aparece aqui como um elemento que exige conciliação ao longo do percurso de mestrado para os que são servidores públicos e para aqueles que não têm vínculo público. Mas realizar o curso de mestrado aparece, nos dois casos, como uma oportunidade de melhoria na carreira e até na remuneração. Ademais a opção se apresenta viável por tratar-se de curso em universidade pública, o que dispensa custo com mensalidades, embora

não se tenha garantias de efetiva progressão e promoção na carreira, mesmo para aqueles que têm vínculo em instituição pública¹⁷.

No jogo vivo evidenciou-se o reconhecimento de que há uma rede de apoio ao longo do mestrado, seja da família, de amigos e entre colegas de curso, especialmente no primeiro ano, quando estão realizando as disciplinas obrigatórias. Mas a tônica dominante foi a de que a realização do curso lhes impõe um conjunto de aprendizagens e responsabilidades novas fazendo deste processo um percurso solitário. De outra parte, reconhecem, porém, que o percurso formativo lhes permite construir aproximação solidária entre colegas, em parte, pela sincronicidade das atividades obrigatórias curriculares e dos grupos de pesquisa ou pela presença de objetivos comuns imediatos.

3.4 Terceiro ciclo ou tornar-se pesquisador

O terceiro ciclo foi estruturado com o objetivo de efetuar o encerramento do processo de pesquisa. No mês de outubro duas Rodas de conversa foram realizadas. Na primeira a proposta foi a de refletir sobre a própria experiência e aprendizagens feitas no percurso do mestrado. Na segunda, a proposta foi a de avaliar a participação nesta pesquisa e sistematizar sugestões para a realização de um percurso de mestrado bem sucedido.

O dispositivo acionado para pôr os participantes a refletir foi a Carta. A Carta, segundo Foucault (1992) é um modo de manifestação de si, de olhar para si e de aparecer para o outro, há uma permissão para um “face a face”, na possibilidade dos interlocutores se reconhecerem presentes a partir da escrita. Matos e Pimenta (2020) referem que através da escrita o sujeito pode empoderar-se da palavra e do que se fala, pode experimentar-se e inspirar novos modos de ser e viver.

Para incentivar a adesão ao exercício ofereceu-se papéis de cartas que pertenciam a coleção pessoal da pesquisadora. O vínculo com o grupo permitiu compartilhar afetivamente o material que foi recebido com olhares e falas sobre histórias vivas na memória de cartas e de papéis nos tempos da adolescência. A proposição foi a de que cada participante da Roda escrevesse uma carta para um mestrando recém ingresso num programa de *stricto sensu*, a fim de acolhê-lo nesta nova experiência formativa. Feita a escrita foi possível compartilhar o conteúdo das cartas e a experiência de escrevê-las.

¹⁷ Segundo Souza (2017) os técnicos da universidade não têm um plano de cargos e salários para que possam ter progressão e promoção na carreira.

Os mestrandos destacaram que a prática da escrita foi importante para reconhecer que têm repertório para falar sobre si e sobre a experiência de tornar-se pesquisador. De seu conteúdo destaca-se o reconhecimento de que o ingresso no programa de *stricto sensu* experimenta importantes transformações em todas as esferas da vida. Afirmaram que o cotidiano da pós-graduação impõe a necessidade de auto-organização para as rotinas e responsabilidades. Destacaram a importância do apoio de amigos, colegas e família; de manter atividades de físicas e de lazer; de participar ativamente de grupo de pesquisa e se inteirar dos espaços de debate acadêmicos mais ampliados; de se vincular com a universidade para além dos espaços formais da sala de aula.

Afirmaram ter experimentado dias bons, produtivos e dias ruins de cobranças, desgastes e falta de ânimo. O que se parece muito com o que Coulon (2008, p. 259) nos ensina sobre os desafios da afiliação: “para ter sucesso é necessário compreender os códigos do trabalho intelectual, cristalizados num conjunto de regras quase sempre informais e implícitas, ser capaz de ver a “praticidade” do trabalho solicitado e saber transformá-lo em um problema prático”. É o que se encontra na carta elaborada por um dos participantes da pesquisa, na qual ele prescreve aos novos ingressantes um breve roteiro com o qual orientou suas ações ao longo do curso de mestrado:

- “1) Separe um turno no dia para as tarefas do mestrado
 - 2) Faça as atividades da disciplina, mas não esqueça que deve se dedicar com maior foco no seu projeto
 - 3) Pergunte sempre ao orientador as suas dúvidas
 - 4) Escreva sempre que acabar uma leitura
 - 5) Tenha Paciência.”
- (Diário de Pesquisa, Cartas, p.7)

No último encontro a carta elaborada por eles foi devolvida num envelope customizado pela pesquisadora e foi proposto que lessem a carta para si em silêncio. Este exercício provocou surpresa e certa emoção. Ao receberem a própria carta reencontram seu percurso em palavras, uma experiência nova do tornar-se pesquisador que os lança na recriação permanente deste saber fazer.

A segunda carta foi recebida nesse encontro e por *e-mail*. Esta teve o objetivo de conhecer a percepção dos mestrandos sobre as Rodas e apontar sugestões para a universidade apoiá-los no percurso da pós-graduação. Para inspirá-los foi entregue um bilhete com a seguinte mensagem:

Estamos chegando ao fim do nosso ciclo das rodas de conversa e gostaria de saber que coisas foram importantes nas nossas rodas, que aspectos podemos propor a universidade para apoiar o mestrando nos seus desafios e experiências de percurso, e como foi participar das rodas de conversa? (Diário de Pesquisa, Terceiro ciclo, p.1)

Os mestrandos relataram que as Rodas de Conversa foram um espaço de escuta e reflexão para conhecer as estratégias desenvolvidas por eles no percurso da formação pós-graduada e apontaram os principais caminhos para superar as dificuldades, quais sejam: criar uma rede de apoio entre os colegas de curso e junto aos familiares; estabelecer relação de afeto com o objeto de estudo a ser pesquisado; desenvolver um planejamento das ações a serem realizadas em cada semestre do curso; participar dos grupos de pesquisa regularmente, se associando a atividades que dialoguem com a pesquisa em desenvolvimento.

Indicaram, ainda, que cabe a universidade e ao programa de pós-graduação ofertar ações estruturadas de acolhimento e orientação para a construção do percurso acadêmico e espaços de escuta e diálogo acerca dos desafios enfrentados ao longo dos 24 meses de curso, incluindo-se aqui as necessidades de infraestrutura e as necessidades simbólicas envolvidos no processo de produção de sujeitos pesquisadores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de pesquisa aponta a necessidade de a universidade responsabilizar-se pelos processos de afiliação de seus pesquisadores em formação. Para tanto considera-se necessário que a universidade produza informações socioeconômicas dos estudantes do *stricto sensu* para estruturar-se ofertas de suportes institucionais que apoiem percursos acadêmicos bem-sucedidos. A Pró-reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação e o Serviço Médico Odontológico e Social precisam aproximar-se da Secretaria Especial de Avaliação Institucional para institucionalizar os atendimentos realizados e juntos construir indicadores sobre as necessidades de saúde, assim como a Pró-reitoria de Assistência Estudantil precisa abrir a agenda para as necessidades de moradia, transporte, alimentação, auxílio financeiro dos estudantes do *stricto sensu*.

No que concerne a análise do processo de Afiliação as Rodas de Conversa funcionaram como dispositivos de fazer falar sobre a complexa experiência de tornar-se pesquisador e esses procedimentos explicitaram algumas dimensões relativas à afiliação no *stricto sensu*. Nas Rodas desenvolvidas na etapa do acolhimento o que se descortinou foi o estranhamento com a descoberta da necessidade de afiliar-se, mesmo para aqueles que já contavam com ex-

perícia de iniciação científica na graduação, e que este procedimento é complexo e não se reduz a uma dimensão individual e cognitiva. As Rodas do primeiro ciclo, por sua vez, trouxeram visibilidade para os desafios da afiliação intelectual marcadamente na produção leitora e de textos escritos. As Rodas do segundo ciclo explicitaram os desafios da afiliação institucional na relação com o *lattes* e o grupo de pesquisa, os vínculos com o curso, o programa e entre os mestrandos. O Terceiro ciclo funcionou como exercício de apoiar e orientar o processo de afiliação de novos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Suely. **Teoria e prática de dinâmica de grupo: jogos e exercícios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. 211 p.

ANDRÉ, Marli; GATTI, Bernadete. **Métodos Qualitativos de Pesquisa em Educação no Brasil: origens e evolução**. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO - ALEMÃO DE PESQUISA QUALITATIVA E INTERPRETAÇÃO DE DADOS, 2008, Brasília, Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 2008.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. 159 p.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e habitus de classe. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

COULON, Alain. **A condição do estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: Edufba, 2008. p. 276.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp.129-160. Disponível em: <http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault>. Acesso em: 15 dez. 2019

GATTI, Bernardete. Reflexão sobre os desafios da pós-graduação: novas perspectivas sociais, conhecimento e poder. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 108-116, dez., 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782001000300010>. Acesso em: 20 dez. 2019.

JUNG, Carl G. **A Prática da Psicoterapia**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOURENÇO, Denise. **Fanzine: procedimentos construtivos em mídia tátil impressa**. 2006. Dissertação (mestrado em comunicação e semiótica) – Departamento de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4889>. Acesso em 19 out. 2019.

MATOS, Rosângela da Luz; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. A orientação acadêmica entre a disciplinaridade e a interdisciplinaridade. In: SANTOS, Georgina; SAMPAIO, Sônia **Observatório da Vida Estudantil: Universidade, responsabilidade social e juventude**. Salvador: EDUFBA, 2013. p.121-141.

MATOS, Rosângela, PIMENTA, Lídia. A pesquisa em educação e as práticas de escrita: um elogio ao hibridismo e a experimentação entre gêneros textuais. **Debates em educação**, Maceió, vol. 12, n. 26, p. 199 – 210, jan./abr., 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n26p199-210>. Acesso em 10 maio 2020.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 80 p.

MOURA, Adriana; LIMA, Maria. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan./jun., 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rteo/article/view/18338/11399>. Acesso em: 14 jun. 2019.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer Pesquisa Qualitativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 232 p.

SOUZA, Maria Jalva. **Interrogando os instrumentos normativos e mecanismos de gestão que orientam o trabalho do servidor técnico administrativo do departamento de educação – campus VII – Senhor do Bonfim – UNEB**. 2017. Dissertação (mestrado em Gestão e tecnologias aplicadas à Educação) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB). **Anuário UNEB em Dados: 2019 - Base 2018**. Salvador: UNEB, 2019. 63 p.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Pesquisa e Ensino: considerações e reflexões. **Revista E-escrita**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 59-74, 2010. Disponível em: https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/26/pdf_23. Acesso em: 7 jul. 2019.